

# EM TORNO DE “USINA”

*O Dia – 27 de junho de 1936.*

**É** interessante como, à medida que alonga a sua análise através do ciclo da cana-de-açúcar, o sr. José Lins do Rego vai abandonando a literatura meramente descritiva e integrando os seus personagens nos mais árduos problemas da vida. Em começo, “Menino de Engenho” deixou à mostra o memorialista perspicaz. Depois, “Doidinho”, o espírito objetivo preocupado com problemas íntimos. Após o “Banguê”, onde a existência do personagem central recebe influxos de poesia. Depois ainda o “Moleque Ricardo”, irmão de Carlos de Mello, o moleque miserável e renegado e bagaceira. Após ainda, esse “Usina”, formigante de tragédia, “com máquinas de fábrica com ferramentas enormes, com moendas gigantes devorando a cana madura”. E chegamos ao fim do ciclo. “Carlos de Mello, Ricardo e o Santa Rosa se acabam, têm o mesmo destino, estão tão intimamente ligados que a vida de um tem muito da vida de outro.

Uma grande melancolia os envolve de sombras. Carlinhos foge, Ricardo morre pelos seus e o Santa Rosa perde até o nome, se escraviza”. O sr. José Lins do Rego vai aos poucos penetrando, com desassombro e com audácia, a história de uma época. Em princípio descritivo e displicente. Já agora com esse ótimo “Usina”, abandonando o desnecessário e o convencional, sentimos estar completando a sua caminhada.

Se fosse preciso situar em nossas letras um escritor de tão alto merecimento como é o sr. José Lins do Rego, eu o colocaria na vanguarda, na vanguarda com esse invulgar Jorge Amado. Dono de uma técnica puríssima que enleva e que domina, em matéria de romance, chegou Lins do Rego até onde era possível chegar. Em “Usina”, há equilíbrio e harmonia. Como fecho de uma obra, já popularizada entre nós, não conheço nada mais notável. É rápido e forte, eloqüente e sensual, nostálgico e soberbo. “Doidinho” enerva em certos pontos. “Banguê” hospeda banalidades. “Moleque Ricardo” exagera fatos. Com “Usina”, o talento do autor aparece mais à luz. Seria impossível agora negar talento a esse José Lins do Rego, tão real em suas expressões máximas de vida, tão palpitante na descrição empolgante de lutas íntimas, tão poético nas cenas comoventes de sofrimento e de angústia. “Usina” vale por todos os outros romances reunidos do sr. Lins do Rego.

Confesso que recebi “Usina” com certa indiferença e muita descrença. O que era mais possível dizer de aproveitável? A minha opinião era de que “Banguê” e “Moleque Ricardo” haviam esgotado o assunto. E a surpresa valeu horas de agradável leitura. “Usina” superou as minhas expectativas, não tenho temor em dizer. Uma coisa só eu lamento: é não ter o espaço necessário para dizer coisas incríveis que eu penso desse sr. José Lins do Rego.

No fim dessa pequenina reportagem não ficaria mal uma pergunta: o que irá escrever agora o sr. Lins do Rego? Ressuscitar Ricardo não é possível. Recompôr a vida de Carlos de Mello também não. Continuar a viver com Santa Rosa quando Santa Rosa não mais existe seria fantasia. O que irá escrever José Lins do Rego? Em todo caso, o autor de “Usina” é um escritor que, de hoje em diante, pode ficar calado. A sua obra viverá longos anos. E outra coisa, creio eu, não deseja José Lins do Rego... Que a sua obra viva e viva bastante...